

# por que ler euclides da cunha?

Canudos vive na realidade que nos cerca. A versão moderna transmigrou dos áridos sertões da Bahia e escraviza populações de nossos bairros. Ler Euclides para lembrar o crime do passado e não o repetir no futuro

SIDNEI AGOSTINHO BENETI

**1** Há cem anos, a 5 de dezembro de 1902, a Editora Livraria Laemmert, do Rio de Janeiro, publicava *Os Sertões*. A edição esgotou-se em semanas. A crítica, iniciada com o entusiasmo de José Veríssimo, um oráculo literário nacional, seguida do elogio de Araripe Júnior e Sílvio Romero, que anotou haver Euclides da Cunha “dormido desconhecido para no dia seguinte acordar famoso”, consagrou de imediato o autor. O livro, além de fenômeno estilístico, marcou fundamentalmente, pela substância, a inteligência brasileira. Inquestionável que nunca se acompanhou da indiferença: influenciou, sempre, tanto ao maciço aplauso, quando à parca dissensão. Morreu cedo, Euclides, faz 93 anos, no dia 15 de agosto de 1909, aos 43 anos de idade, num subúrbio do Rio de Janeiro, ao certo tiro do jovem amante da esposa, o cadete Dilermando de Assis, campeão de tiro – que com ela veio a casar-se e a viver longa vida. Cerca de cinco anos depois, também a pontaria de Dilermando punha fim à vida de Euclides da Cunha Filho, o “Quidinho”, quando tentava vingar a morte do pai. A tragédia e a repercussão das duas absolvições, sob o patrocínio de Evaristo de Moraes, realimentaram o sentimento de perda de um símbolo do país e a popularidade da obra. E introjetaram as facetas mais marcantes do pensamento do autor no ideário nacional.

**2** Euclides era fruto da intelectualidade da época, gestado no positivismo de Augusto Comte, vernaculizado ao peso didático de Benjamin Constant e do movimento republicano, a deitar raízes fundas nas Forças Armadas, que, com a República, assumiram a direção política do país. E conseguia transmitir forte sentimento do valor nacional. Um nacionalismo de matizes contraditórias, torturado pela dura tarefa de fazer extrair o sumo da valorização do miscigenado *homo brasiliensis* do tronco da ciência colonialista que idealizava a raça pura: o etnocentrismo racista que vaticinava a superioridade ariana (Gobineau, Burke), a desafiara Nina Rodrigues, e o determinismo geográfico a apregoar que a civilização não florescia nos trópicos (Gumpowicz, Hegel, Hartmann). Com o acréscimo do interiorismo nacional, de avançar para dentro da terra, para cessar de arranhar o litoral como caranguejos, na metáfora famosa. Da resultante de opostos advieram influências as mais dispare, como nos movimentos da fase tardia do modernismo, misturando integralismo e marxismo, crítica social e ufanismo (movimentos da Antropofagia, do Pau-Brasil e do Verde-Amarelismo – à frente gente do porte de Oswald de Andrade e seu *O Rei da Vela*, Raul Bopp e *Cobra Norato*, Menotti Del Picchia e *Juca Mulato*, *A Filha do Inca*, Cassiano Ricardo e *O Homem Cordial*, todos cumeados pelo Má-

rio de Andrade de *Macunaíma* e *Paulicéia Desvairada*). E o caipirismo do ideal caboclo (Monteiro Lobato, *Urupês*, *Negrinha*, *Jeca-Tatu*). Até a repercussão nas políticas de governo do voltar-se para o interior e sua gente, o que culminou, no campo geográfico, com a criação de Brasília.

3 *Os Sertões* narra a história da Revolta de Canudos, que o governo, a comunicação social e a intelectualidade da época tomavam como uma revolta monarquista contra a República – *A Nossa Vendéia*, a repetir o *Noventa e Três* de Hugo, contra-revolução do interior em oposto à agitação política que fizera a Revolução Francesa e entre nós proclamara a República. Daí a pregação do combate armado com o extermínio, que se consumou à força do canhão e da degola. Que texto, o de Euclides! “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados” (pág. 778. As citações nesse texto se referem à edição da Atelier/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, extraordinário trabalho de edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci, em comemoração aos cem anos da primeira edição de *Os Sertões*).

“Na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (pág. 67). O crânio decepado de Antonio Conselheiro levado como troféu de guerra: “Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio” (pág. 780). E, denunciando a insanidade nacional, invoca a sócio-patologia na terrível última frase da obra: “Ê que não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...” (pág. 781).

4 Euclides da Cunha extrai a conclusão certa de premissas erradas. De um lado, inaugura a preocupação social marcante com parcelas excluídas da população, na marginalização do progresso nacional. Mostra como a elite dirigente da época, bem vivendo nas cidades confortáveis ou nas propriedades rurais de vida severa mas segura, apartavam as populações do interior sofrido, marcado pela aridez, produzindo culturas retrógradas, como a do aguardo da volta de D. Sebastião ao pagamento do sangue das crianças estraçalhadas contra a Pedra Bonita (pág. 243). Incapaz de compreender a revolta de Canudos, liderada pelo fanático líder messiânico, “um grande homem pelo avesso” (pág. 255), mas “representante natural do meio em que nasceu” (pág. 256). O diagnóstico certeiro da incompreensão da re-

volta social, na candente conclusão pré-freudiana. E um nacionalismo angustiado, de constatar a tragédia social e não ver saídas para o impasse do choque de culturas, em que o não alinhamento ao progresso fazia antever o suicídio social: “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos!” (pág. 157). De outro, nutre-se da velha ciência, mãe do ideal totalitário entre as duas guerras: o determinismo geográfico, Von Martius e Saint-Hilaire, o etnocentrismo racista, a crença no Estado todo poderoso, leviatã de Hobbes. Um modismo colonialista, tomado como o supra-sumo da ciência, cujo sepultamento só veio a realizar-se ulteriormente, à avassaladora influência dos discípulos de Hegel, Marx e Heidegger, irmãos antagônicos à frente, e, entre nós, à era da descoberta da antropologia e das ciências sociais modernas, firmando-se aqui com Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Nélson Werneck Sodrê, Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Darcy Ribeiro e tantos outros da época do novo mergulho na realidade social, à luz sobranceira da Universidade – sobretudo aquela Maria Antônia dos anos 60. Daí a revisão do pensamento científico de Euclides da Cunha, em tempo em que nacionalismo soava como crime, ao sociologismo internacional militante (Florestan, Clóvis Moura), mas sepultava o geneticismo e a geografia como determinantes civilizatórios.

5 Os extremos conduzem à mesma resultante. Os postulados filosóficos e sociais do colonialismo dominador dos primórdios do século XIX, que geraram, como na metáfora terrível do *Ovo da Serpente* de Bergman, o racismo e o socialismo de Estado, opressores sob o hitlerismo e o stalinismo, a produzir o sentimento da inexorável “dominação das raças fracas pelas fortes” (pág. 66), ou de o homem sertanejo, “antes de tudo, um forte” (pág. 207). Mas “não temos a unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca” (pág. 156). A transposição à atualidade remete aos mercados de capital, qual raças, fortes ou fracos, voláteis no mundo, em moderna versão de colonialismo globalizado.

6 Aí está a atualidade de *Os Sertões*. O substrato intelectual deve ser vertido para a atualidade, podendo ser substituído por outro, de nossos tempos, como se as páginas de “O Homem” e “A Luta” tivessem suas teorias e a citação de seus autores deletados e em seu lugar colados novas teorias e novos nomes. Assim, aquele velho determinismo geográfico que vaticinava que “a civilização não floresce nos trópicos” e o teorismo racial que desencadeia os movimentos imigratórios com o objetivo de “melhorar a raça” (Pedro II), ou a crença no Estado detentor da segurança e do bem-es-

tar, exteriorizações de um mesmo fenômeno da ideologia do colonialismo – bem entrevistados entre nós por cientistas como Caio Prado Júnior (*Formação Histórica do Brasil, A Revolução Brasileira*), Celso Furtado (*Formação Econômica do Brasil*) e Darcy Ribeiro (*O Povo Brasileiro*). Com roupas modernas, a mesma relação de servientes e dominantes, que vem dos primórdios da história, fazendo lembrar a síntese de Pascal, de que *nihil novum sub sole*.

7 A projeção de atualidade de *Os Sertões* pode ser feita quanto à restante obra euclidiana. Em *À Margem da História* (1909), projeto do livro *Um Paraíso Perdido*, que a bala de Dilermando de Assis frustrou, está lá a eterna figura errante daquele boneco de Judas, lançado, nos sábados de aleluia, à correnteza dos rios imensos, o homem amazônico Asvero – o seringueiro, o indígena e o próprio desbravador portador do movimento civilizatório, sob o estro anatematizante: “Caminha, desgraçado! Caminha. Não pára. Afasta-se no volver das águas!” (*À Margem da História*. Rio, Ed. Lello, 1946, pág. 92). Em *Contrastes e Confrontos* (1907), *A Esfinge*, o todo poderoso Floriano, a mirar, solitário na noite, o *Aquidaban*, fundeado na Baía de Guanabara, durante a Revolta da Armada, imagem que bem se poderia transpor para algum presidente insone na vastidão do Planalto. Em *Peru versus Bolívia* (1907), o eterno drama dos povos latino-americanos, agora em vez de disputar território, a pelear mercado e esquivar o desastre econômico.

8 A compreensão da atualidade clama pela leitura de Euclides, sob novas tintas, vestes modernas e lentes atuais. As velhas questões euclidianas estão aí no país, e, agora também, às portas das cidades. A massa populacional isolada em “apartheid” nas favelas ou sub-habitações submetidas ao controle daquilo que em Canudos foi “uma polícia de bandidos” (pág. 302), “inexorável para as pequenas culpas, nulíssima para os grandes atentados”, saindo aos desmandos acoroçados pela impunidade: “No Bom Conselho, uma horda atrevida, depois de se apossar da Vila, pô-la em estado de sítio, dispensou as autoridades a começar pelo juiz da comarca e, como entreato hilariante na razia escandalosa, torturou o escrivão de casamentos” (pág. 104). E, como “alguns fiéis abastados tinham veleidades políticas”, quando “sobrevinha a quadra eleitoral”, “os grandes conquistadores de urnas, que a exemplo de milhares de comparsas disseminados neste país, transformavam a fantasia do sufrágio universal na clava de Hércules da nossa digni-

## A nova ciência sócio-política repete os velhos erros do século XIX, perdendo-se em retórica

dade, apelavam para o Conselheiro” e “Canudos fazia-se, então, provisoriamente, o quartel das guardas pretorianas dos capangas, que de lá partiam, trilhando rumos prefixos, para reforçarem, a pau e a tiro, a soberania popular, expressa na imbecilidade triunfante de um régulo qualquer”, com

o que “a nossa civilização de empréstimo arregimentava, como sempre o fez, o banditismo sertanejo” (pág. 104). Sem esforço aqui se vê o antepassado do controle social das populações marginalizadas, como as das favelas atuais, pelas organizações do crime, principalmente de tráfico de drogas. Aí a lei dos julgamentos sumários pelos donos do poder marginal, com o correlato dos grupos de extermínio, ou das “Jurisdições Informais da Favela da Rocinha”, postas ao brilho de sociólogos como Boaventura de Souza Santos e oferecidas à catarse do turismo e do caritativismo colonialista. E a nova ciência sócio-política repete os velhos erros do século XIX, perdendo-se em retórica, sem, contudo, a busca da solução efetiva para essa exteriorização do abandono social – que humilha a cidadania, mas, ao contrário, oferece inesgotável tema à produção cientificista e artística, que banaliza o viver pelo avesso e lhe legitima a subsistência. Canudos vive aos nossos olhos, a cada passo da realidade social que nos cerca. A versão moderna transmigrou do isolamento nos áridos sertões da Bahia. E padece do mesmo oblívio e desesperança, que antes empurrou ao fanatismo religioso e agora escraviza populações de bairros como cidades, sob a égide da variada gama delinqüencial, contra a qual, como em Canudos, se consumirão os esforços da força armada, enquanto o fenômeno social reproduz, em grande escala, a contra-cultura marginal, imune à participação civilizatória.

9 Por que ler Euclides hoje? Porque toda a sua obra de estilo candente faz transversar no tempo e constatar a etiologia da mesma servidão humana, modernizadas as faces dos mesmos problemas. Nova ótica, nova ciência e a conclusão idêntica: falta-nos o real enfoque sócio-político da sociedade, que detecte a patologia social, para que a tragédia do arraial de Canudos não se repita e não se tenha de volver à invocação de um cientista da insanidade. Ler Euclides, para relembrar o crime do passado e não o repetir no futuro.

**Sidnei Agostinho Beneti** é desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, vice-presidente da União Internacional de Magistrados e participou da Maratona Intelectual Euclidiana, em 1961.